Entre a Escassez e a Euforia dos Fundos!

O mercado parece ter deixado de ignorar os fundamentos que, nos últimos cinco anos, resultaram em uma severa restrição de estoques diante de sucessivas adversidades climáticas. Mesmo que a safra brasileira 2026/27 venha em nível recorde, os relatórios dos adidos do USDA, com informações de 16 países produtores, evidenciam que será necessário mais do que a produção global recorde prevista para este ciclo para recompor os estoques a níveis mais seguros. Isso mantém o mercado sensível a qualquer fator que possa comprometer o abastecimento, especialmente no curto prazo. De um modo geral, o quadro de oferta do disponível é preocupante: os estoques mundiais encontram-se em níveis alarmantes, agravados pelo atraso na colheita brasileira em meio a um clima chuvoso que já compromete a qualidade do café em importantes regiões produtoras e que também pode colocar em xeque o fator quantidade. Esse estrangulamento no abastecimento, somado ao forte reposicionamento dos fundos de investimento que levaram as cotações na Bolsa de NY ao rompimento de importantes linhas de resistências, pavimenta o caminho para novas altas no mercado. Contudo, o cenário exige cautela máxima: os indicadores técnicos já apontam um mercado sobrecomprado, e uma correção técnica com realização de lucros por parte dos fundos pode acontecer a qualquer momento. **Fatores altistas**: Estoques globais críticos: relação estoque/consumo insuficiente para cobrir 2 meses de consumo mundial; melhora projetada para 2026/27 de só 1,34%. / Atraso da colheita brasileira: dados da Safras & Mercado apontam que, até 01/jul, apenas 52% da safra havia sido colhida (42% nos Arábicas e 72% nos Canephoras), ritmo mais lento que 2025 e que a média dos últimos cinco anos. / Perda de qualidade e volume: chuvas do El Niño prejudicam grãos (catação elevada, peneira abaixo da média) e aumentam incidência de Ferrugem e Phoma; parte da produção já começa se perder no campo. / Previsão climática desfavorável: novas chuvas previstas para meados de julho e retorno em agosto, ameaçando também o volume final da safra. / Estoques certificados na ICE em queda acentuada: 377,47 mil sacas em junho/26 vs. 841,17 mil sacas um ano antes. / Reposicionamento comprador dos fundos: saldo líquido comprado subiu de 6.176 (mínima em 06/jun) para 15.053 contratos (23/jun), com pico de +80.000 contratos negociados em 2 dias no fim de junho e início de julho. / Prêmio de risco geopolítico: tensões no Oriente Médio (mesmo após cessar-fogo EUA-Irã) mantêm volatilidade e sustentam preços prêmio pelo risco logístico e econômico. / Exportações brasileiras discretas: alta de apenas 3,6% em maio (em ano de safra recorde), refletindo atraso na chegada dos lotes ao mercado. **Fatores baixistas:** Safra brasileira recorde: USDA projeta 71,9 milhões de sacas (+14,13%); inúmeras estimativas de mercado superam 70 milhões de sacas. / Safra global recorde: incremento entre ciclos 2025/26 e 2026/27 deve superar 10 milhões de sacas. / Revisão positiva dos estoques de passagem: correção de +4,3 milhões de sacas nos 16 países adidos do USDA (destaque para o Brasil, de 485 mil para 3,895 milhões). / Maioria das origens produtoras com incremento de produção no ciclo 2026/27 (Vietnã, Colômbia, Etiópia, Honduras, Tanzânia, entre outras). / Revisão da Conab: safra brasileira 2026/27 atualizada para 66,70 milhões de sacas (+17,97% vs. 2025) / Fretes internacionais mais caros: conflito no Oriente Médio encarece frete marítimo, pressionando preços pagos ao produtor (formato FOB). / Alargamento dos diferenciais de base: alta em NY não repassada integralmente ao mercado interno (Good Cup: de -5,00 para -35,00 cents/lb em um

mês) / Valorização do dólar em junho: Ptax fechou em R$ 5,1766 (máxima de R$ 5,20) e US Dollar Index acima de 101 pontos, estimulando exportações e pressionando as Bolsas. / Fatores macro nos EUA: dados econômicos positivos sustentam expectativa de juros altos por mais tempo, fortalecendo o dólar globalmente.



Análise Técnica: Como pode-se observar no gráfico, em junho, o café encontrou um fundo próximo de 240,00/250,00 cents/lb com o IFR em zona de sobrevenda, e a partir daí iniciou um forte rali que, já em julho, rompeu a resistência de 280,00/290,00 cents/lb. As Bandas de Bollinger, que vinham em forte compressão (squeeze) desde março, agora se abrem com o preço colado na banda superior, um sinal de ganho de volatilidade e de retomada de tendência de alta, com mercado buscando 320,00 cents/lb. O movimento é reforçado pelo MACD, que apresentou cruzamento de alta com o histograma em expansão, e pelo IFR, que subiu rapidamente ultrapassando a marca de 70, indicando momento comprador forte, porém já em região de sobrecompra. Para uma decisão de venda no curto prazo, os pontos de atenção são: o IFR próximo de 70 aumenta o risco de realização de lucros a qualquer momento; a resistência psicológica em 320,00 cents/lb (topo de março/abril) é o próximo teste relevante, caso tenha êxito no rompimento desta resistência, o mercado deve buscar níveis mais elevados ainda (330,00 / 340,00 cents/lb), apesar disso, uma reação de baixa nessa região seria natural uma vez que esse nível já foi testado sem êxito entre março e abril; qualquer perda de força no histograma do MACD (barras positivas encolhendo), com fechamento abaixo de 300,00 cents/lb (resistência que virou suporte) seriam os primeiros sinais técnicos de enfraquecimento da alta, funcionando como gatilho para travar posições ou iniciar vendas parciais antes de uma possível correção mais ampla.

Fechamentos - 2º trimestre de 2026

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA 1º TRIMESTRE
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$1.580,00	R$2.020,00	R$1.880,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$1.460,00	R$1.900,00	R$1.740,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$860,00	R$1.270,00	R$1.120,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R$/sc)	R$825,00	R$1.005,00	R$1.005,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	240,90	296,45	296,45
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	3.161,00	3.662,00	3.658,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R$	R$ 4,8973	R$ 5,2098	R$ 5,1766

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: setembro/2026

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No 2º trimestre de 2026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu sua máxima no último dia de junho, ao ser negociado a 302,75 cents/lb. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), também atingiu sua máxima do trimestre na última semana de junho, ao ser negociado a USD 3.744,00/ton. Apesar de os preços do café terem apresentado comportamentos distintos nas duas Bolsas ao longo dos meses de abril e maio, com os Arábicas apresentando viés de baixa e os Canephoras um leve viés de alta, ambos os mercados surpreenderam do dia 10 de junho em diante ao registrarem forte valorização, impulsionada pela preocupação com a restrição da oferta, decorrente dos atrasos na colheita brasileira em razão do clima mais úmido, com destaque para o último dia do mês que passou por um intenso movimento de reposicionamento das carteiras dos fundos de investimentos nas Bolsas.

Os 16 relatórios de adidos agrícolas com informações de países produtores publicados pelo USDA entre maio/26 e junho/26, revisou os estoques de passagem do ciclo 2025/26 nestas origens em aproximadamente +4,3 milhões de sacas. Apesar desse incremento nos estoques finais dos países produtores, não é possível afirmar se houve, de fato, uma revisão positiva nos estoques de passagem globais, ou se o volume final do ciclo 2025/26 simplesmente mudou de mãos, dos países consumidores para os países produtores. Mas, suponha-se que os estoques globais ao final do ciclo 2025/26, em sua totalidade, tenham sido revisados em aproximadamente +4,3 milhões de sacas, indo para 24,45 milhões de sacas, a realidade continua preocupante. Frente a uma demanda global estimada pelo USDA em 173,852 milhões de sacas, a relação estoque/consumo seguirá em nível crítico, de apenas 14,06%, insuficiente para cobrir dois meses do consumo mundial. Além disso, o cenário para 2026/27 também não deve trazer o tão esperado alívio: ao considerar os dados destes 16 países produtores, o USDA projeta uma evolução de apenas 1,34%, o que deve manter os estoques apertados e o mercado altamente vulnerável a qualquer choque climático, fator que, inclusive, já vem impulsionando os preços novamente.

Vale lembrar que o mercado global de café segue sob o peso de estoques criticamente baixos, à medida que a nova safra brasileira (2026/27) demora a se materializar no volume projetado. Entre

os fatores que devem pesar sobre os preços nos próximos meses está justamente isso: o volume e a qualidade com que essa safra atrasada chegará ao mercado. Toda a euforia em torno de uma produção recorde deu lugar a um clima de apreensão, já que a maior parte do café ainda está no campo. Em maio e junho, chuvas intensas provocadas pelo El Niño atrasaram a colheita e o preparo dos grãos em regiões-chave do país, além de comprometer sua qualidade: cresceram os relatos de catação elevada, peneira graúda abaixo da média e problemas de bebida.

Os números da Safras & Mercado ajudam a dimensionar o atraso: até 01 de julho, apenas 52% da safra havia sido colhida, um avanço de 8% frente à semana anterior. É um ritmo mais lento do que o do ano passado, quando 60% já estava colhido no mesmo período, e também abaixo da média dos últimos cinco anos (55%). Entre os Arábicas, a situação é ainda mais preocupante: as chuvas no Paraná, em São Paulo e no Sul de Minas deixaram a colheita em apenas 42%, contra 50% em 2025 e 45% na média dos últimos cinco anos.

O quadro mostra que, além de uma maturação naturalmente mais tardia neste ciclo, as chuvas empurraram para julho uma colheita que normalmente ganha força em junho. E as perspectivas não são muito animadoras: segundo a Rural Clima, mesmo com um clima um pouco mais favorável, ainda há previsão de novas chuvas no Sudeste em meados de julho, com possível trégua na segunda quinzena do mês, mas com o retorno das chuvas em agosto, o que pode voltar a travar a colheita dos Arábicas. Se esse padrão de chuvas se confirmar em julho e agosto, o risco deixa de ser apenas de qualidade e passa a envolver também o volume final da safra. Um paradoxo muito citado na cafeicultura é: as chuvas ajudam a produtividade, mas prejudicam o padrão dos grãos. Porém, esse ano, esse famoso paradoxo pode dar lugar a uma outra lógica: perda de qualidade e quantidade. As chuvas na região derrubaram uma quantidade significativa de café. Os grãos que ficam no chão, expostos à umidade, não sofrem apenas perda de qualidade, há também prejuízo quanto à possibilidade de recolhimento. Parte dos grãos já começa a germinar, enquanto outros acabam se infiltrando em camadas mais profundas do solo, tornando-se impossíveis de se recuperar. Para completar o cenário, já se nota um aumento na incidência de doenças nas lavouras de diversas regiões, com destaque para Ferrugem e Phoma. De um modo geral, esse combo de estoques apertados + safra brasileira atrasada, com perda de qualidade e possivelmente quantidade, explica boa parte da valorização recente dos preços, sobretudo nos futuros de Nova York e Londres. Isso deve ligar o alerta entre os exportadores, já que os volumes de seus tradicionais “good cup” e “fine cup”, mesmo em uma safra recorde, devem ficar aquém do que se esperava.

Segundo o último relatório de exportações publicado pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), o país embarcou 3,089 milhões de sacas em maio, alta de apenas 3,6% frente ao mesmo mês de 2025, um crescimento discreto, considerando que o Brasil vive um ano de safra recorde. O tímido avanço reflete a chegada ao mercado dos primeiros lotes colhidos neste ciclo, sobretudo de Canephoras, já que os Arábicas seguem com a colheita bem atrasada. Já no acumulado de janeiro a maio, as exportações somaram 14,745 milhões de sacas, uma retração de 12,4% em relação aos 16,825 milhões embarcados no mesmo período do ano passado. O Cecafé atribui essa queda a dois fatores: a safra menor de 2025 e o ritmo mais acelerado de exportações que já havia sido registrado no ano passado. As exportações brasileiras enfrentam ainda outro obstáculo: a instabilidade em torno das tarifas dos EUA, que mantém compradores americanos em compasso de espera, especialmente em relação ao café solúvel, que não está contemplado pela lista de isenções aplicada ao café verde. Enquanto as regras não ficam mais claras, novas aquisições seguem sendo adiadas, o que pode gerar um duplo impacto: perda de

competitividade do solúvel brasileiro e desaceleração dos embarques ao longo deste ano. Vale ressaltar que o efeito das tarifas norte-americanas costuma ser misto e varia conforme o horizonte de análise. No curto prazo, tende a gerar volatilidade e um prêmio de risco nos contratos futuros, refletindo a incerteza do momento. Já no médio prazo, pode ocorrer uma realocação dos fluxos comerciais, com aumento da oferta em outros destinos, o que tende a dissipar boa parte desse prêmio de risco inicialmente embutido nos preços, uma vez que a oferta brasileira não desaparece, apenas migra para outros mercados. Embora o Cecafé ainda não tenha publicado seu relatório do mês de junho, de acordo com dados parciais até o dia 26 do mês, os embarques de café totalizaram 2,464 milhões de sacas, sendo 1,94 milhão de Arábica e 524 mil de Canephoras, volume que, apesar de superior ao registrado no mesmo período de 2025, mesmo em um ano de safra recorde, ainda fica aquém da média histórica para o mês.

Outro importante indicador que atrai atenção, reforça a leitura de escassez na oferta e mantém o mercado apreensivo com a atual disponibilidade, são os estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque que, em declínio acentuado, encerraram o mês de junho em 377,47 mil sacas contra 841,17 mil sacas de um ano atrás. Esse cenário deixa o mercado mais exposto, instável e propenso a oscilações bruscas, levando os players a responderem de forma mais acentuada a qualquer ameaça ao suprimento global de café, tal como as recentes adversidades climáticas no Brasil e os riscos logísticos impostos pelo conflito no Oriente Médio.

Apesar do acordo inicial de paz entre EUA e Irã, que previa um cessar-fogo de 60 dias para a negociação do fim definitivo do conflito militar, a permanente troca de ameaças mantém as tensões geopolíticas no Oriente Médio em evidência, elevando as incertezas e a volatilidade dos preços internacionais do café. Apesar de o conflito gerar aversão ao risco entre os investidores, o que tende a pressionar as cotações de ativos de risco, como o café, os gargalos logísticos e econômicos por ele ocasionados acabaram embutindo um prêmio de risco às cotações internacionais da commodity. Enquanto o mercado monitora as negociações em busca de um acordo definitivo e duradouro, a falta de clareza, acentuada por informações contraditórias e pela postura instável de ambas as partes, levou os operadores a manter parte desse prêmio de risco ao longo do 2º trimestre do ano. Além disso, como as oscilações do petróleo costumam atuar como vetor de suporte ou pressão para os preços das demais commodities, nos momentos de alta do petróleo o café acabou encontrando certa sustentação.

A forte recuperação das cotações no fim de junho e início de julho reflete não apenas as apreensões com o abastecimento, mas também o intenso reposicionamento das carteiras dos fundos de investimento, movimento que gerou mais de 80.000 negociações em apenas dois dias. Embora esse volume não esteja ligado aos fundamentos do mercado, e sim às diretrizes de alocação dos fundos, ele atrai mais operadores, elevando liquidez e volatilidade. Com isso, os preços do Arábica encontraram suporte no reposicionamento das carteiras dos fundos, cujo saldo líquido comprado em futuros subiu ao final do 2º trimestre. Vale lembrar que o volume líquido comprado dos fundos em futuros vinha se deteriorando fortemente ao longo de maio, até atingir, em 06/junho, a mínima do ano: 6.176 contratos. A partir daí, houve uma recuperação gradual: na última posição oficial disponível, do dia 23/junho, a carteira dos fundos já detinha um saldo líquido comprado de 15.053 contratos, o que também contribuiu para a recuperação dos preços ao longo do mês. Por conta do feriado de 4 de julho nos EUA, a ICE Futures US e a CFTC adiaram para o final do dia 06/07 a divulgação do relatório com os dados de 30 de junho, que, da mesma forma, deve apresentar novo aumento no saldo líquido comprado dos fundos.

No 2º trimestre do ano, o câmbio foi outro fator que ajudou a movimentar as cotações

internacionais e os preços do mercado interno brasileiro. No início de maio, o dólar atingiu sua mínima do ano, chegando a R$ 4,90, movimento acompanhado pelo US Dollar Index (Índice do Dólar Norte-Americano), que também recuou, ficando abaixo dos 98,00 pontos no mesmo período. Ao prejudicar a composição dos preços no mercado interno, a desvalorização do Dólar tende a inibir as exportações globais de café assim como tende a atrair o interesse de compra nas principais Bolsas de Café do mundo, gerando, assim, estímulo altista nestes mercados. Na primeira quinzena de maio, a queda do dólar às mínimas do ano, resultou da combinação entre fatores externos e internos. No cenário externo, o arrefecimento das tensões entre EUA e Irã reduziu a busca por ativos de segurança, como o dólar, enquanto a consequente queda do petróleo aliviou pressões inflacionárias globais e favoreceu economias emergentes, elevando o apetite por risco e atraindo capital estrangeiro para países como o Brasil. Internamente, esse movimento foi reforçado pelo tom duro do Banco Central em relação aos juros, que também atraiu capital estrangeiro e pressionou a moeda norte-americana no Brasil. Por fim, é importante notar que, ao término do período, concretizou-se uma combinação diferente do habitual e altamente favorável para os preços domésticos do café: a valorização do dólar somada à alta das cotações nas Bolsas, que ocasionou (segue ocasionando) uma boa janela de oportunidade aos produtores.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No 2º trimestre de 2026, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), pressionado principalmente pelas perspectivas de atenuação do cenário de escassez com a chegada de uma safra brasileira recorde, o café Arábica esbarrou em sua mínima no dia 09 de junho ao ser negociado abaixo de 240,00 cents/lb. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), na esteira das fortes quedas registradas no 1º trimestre, o Canephora (Robusta/Conilon) testou suas mínimas logo no início do 2º trimestre, sendo negociado abaixo de USD 3.200,00/ton, para depois, estancar o movimento de queda livre que vinha marcando o início do ano.

Dentre os fatores determinantes para os preços nos próximos meses, destaca-se a safra global 2026/27 que, assim como a safra brasileira, caminha para um possível recorde (desde que o clima colabore) e deve exercer pressão sobre os preços. Como se sabe, os dados do USDA costumam funcionar como um termômetro do mercado, servindo de orientação para projeções e cenários futuros. Os números pontuais de produção divulgados pelo órgão para diferentes origens indicam que a grande maioria delas deve colher mais café no ciclo 2026/27. Com base nos 16 relatórios de adidos agrícolas publicados pelo USDA entre maio e junho, observa-se que o incremento na produção global entre os ciclos 2025/26 e 2026/27 muito provavelmente superará 10 milhões de sacas. A maior parte desse aumento é atribuída à safra brasileira, que, isoladamente, responde por um acréscimo de quase 9 milhões de sacas. Entre as demais origens produtoras, apesar de alguns incrementos pontuais, nenhuma atinge a marca de 1 milhão de sacas adicionais. Outro ponto que chama atenção é a revisão dos estoques de passagem ao final do ciclo 2025/26. Considerando os 16 adidos, verifica-se uma correção positiva superior a 4,3 milhões de sacas. Nessas mesmas origens, o relatório anterior (dezembro/25) apontava um estoque final de ciclo em torno de 3,8 milhões de sacas, enquanto a revisão atual indica 8,1 milhões de sacas. Grande parte dessa correção decorre dos números do Brasil, que foram atualizados de 485 mil sacas para 3,895 milhões de sacas. Apesar desse incremento nos estoques finais dos países produtores, não é possível afirmar se houve, de fato, uma revisão positiva nos estoques de passagem globais, ou se o volume final de estoques do ciclo 2025/26 simplesmente mudou de mãos, dos países consumidores para os países produtores. A seguir um breve resumo dos 16

adidos com dados de países produtores publicados pelo USDA entre maio e junho:

- Brasil: safra 2026/27 estimada em 71,90 milhões de sacas, um incremento de 14,13% ante a safra 2025/26 estimada em 63,00 milhões. Já os estoques finais devem evoluir de 3,895 milhões de sacas para 4,425 milhões de um ciclo para o outro.

- Vietnã: safra 2026/27 estimada em 32,50 milhões de sacas, um incremento de 2,52% ante a safra 2025/26 estimada em 31,70 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 689 mil sacas para 489 mil de um ciclo para o outro.

- Colômbia: safra 2026/27 estimada em 13,40 milhões de sacas, um incremento de 7,2% ante a safra 2025/26 estimada em 12,50 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 800 mil sacas para 670 mil de um ciclo para o outro.

- Etiópia: safra 2026/27 estimada em 12,10 milhões de sacas, um incremento de 4,67% ante a safra 2025/26 estimada em 11,56 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 175 mil sacas para 145 mil de um ciclo para o outro.

- Indonésia: safra 2026/27 estimada em 11,38 milhões de sacas, uma redução de 8,00% ante a safra 2025/26 estimada em 12,37 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 751 mil sacas para 671 mil de um ciclo para o outro.

- Uganda: safra 2026/27 estimada em 7,16 milhões de sacas, um incremento de 0,95% ante a safra 2025/26 estimada em 7,095 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 334 mil sacas para 329 mil de um ciclo para o outro.

- Índia: safra 2026/27 estimada em 6,14 milhões de sacas, uma redução de 4,51% ante a safra 2025/26 estimada em 6,43 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 485 mil sacas para 216 mil de um ciclo para o outro.

- Honduras: safra 2026/27 estimada em 6,03 milhões de sacas, um incremento de 9,04% ante a safra 2025/26 estimada em 5,53 milhões. Já os estoques finais devem evoluir de 435 mil sacas para 707 mil de um ciclo para o outro.

- Peru: safra 2026/27 estimada em 4,78 milhões de sacas, uma redução de 0,33% ante a safra 2025/26 estimada em 4,764 milhões. Já os estoques finais devem evoluir de 21 mil sacas para 26 mil de um ciclo para o outro.

- México: safra 2026/27 estimada em 4,135 milhões de sacas, um incremento de 1,35% ante a safra 2025/26 estimada em 4,08 milhões. Já os estoques finais devem regredir de 20 mil sacas para 5 mil de um ciclo para o outro.

- Guatemala: safra 2026/27 estimada em 3,13 milhões de sacas, um incremento de 3,47% ante a safra 2025/26 estimada em 3,025 milhões. Já os estoques finais devem evoluir de 11 mil sacas para 16 mil de um ciclo para o outro.

- Nicarágua: safra 2026/27 estimada em 2,44 milhões de sacas, uma redução de 4,69% ante a safra 2025/26 estimada em 2,56 milhões. Já os estoques finais devem evoluir de 55 mil

sacas para 85 mil de um ciclo para o outro.

- Tanzânia: safra 2026/27 estimada em 1,6 milhão de sacas, um incremento de 10,34% ante a safra 2025/26 estimada em 1,45 milhão. Já os estoques finais devem evoluir de 51 mil sacas para 157 mil de um ciclo para o outro.

- Costa Rica: safra 2026/27 estimada em 1,2 milhão de sacas, um incremento de 3,45% ante a safra 2025/26 estimada em 1,16 milhão. Já os estoques finais devem regredir de 133 mil sacas para 68 mil de um ciclo para o outro.

- Quênia: safra 2026/27 estimada em 950 mil sacas, um incremento de 11,76% ante a safra 2025/26 estimada em 850 mil. Já os estoques finais devem evoluir de 97 mil sacas para 120 mil de um ciclo para o outro.

- El Salvador: safra 2026/27 estimada em 542 mil sacas, uma redução de 7,51% ante a safra 2025/26 estimada em 586 mil. Já os estoques finais devem regredir de 147 mil sacas para 79 mil de um ciclo para o outro.

Ainda com relação à safra brasileira, em relatório publicado no mês de maio/26, a Conab procedeu com uma tímida revisão em sua estimativa para a safra 2026/27 publicada anteriormente em janeiro/26:

- Safra total: produção total deste ano, inicialmente estimada em 66,19 milhões de sacas, foi atualizada para 66,70 milhões, que corresponde a um incremento de 17,97% com relação aos 56,54 milhões de sacas colhidas em 2025;

- Arábica: produção deste ano, inicialmente estimada em 44,09 milhões de sacas, foi atualizada para 45,77 milhões, que corresponde a um incremento de 28% com relação aos 35,76 milhões de sacas colhidas em 2025;

- Canephoras: produção deste ano, inicialmente estimada em 22,10 milhões de sacas, foi atualizada para 20,93 milhões, que corresponde a um incremento de 0,77% com relação aos 20,77 milhões de sacas colhidas em 2025.

Além da Conab, diversas instituições projetam uma safra recorde no Brasil em 2026, com volumes que ultrapassam a marca de 70 milhões de sacas, sendo que, no 2º trimestre, grande parte dessas projeções foi revisada para cima em relação aos números divulgados no 1º trimestre. Confira algumas delas: USDA – 71,9 milhões / StoneX – 75,3 milhões / Sucden – 72,5 milhões / Hedgepoint – 75,8 milhões / Comexim – 71,10 milhões / Eisa – 75,8 milhões / Marex – 76,1 milhões / Safras & Mercado – 75,65 milhões / Itaú BBA – 69,3 milhões / Sucafina – 75,4 milhões / Rabobank – 73,3 milhões.

Os conflitos no Oriente Médio afetam o café de duas formas distintas. Se por um lado, nas Bolsas de Futuros, tendem a acrescentar um prêmio de risco logístico e econômico às cotações internacionais, no mercado físico brasileiro, o efeito é o oposto: o encarecimento dos fretes internacionais acaba comendo parte do preço que os importadores pagam aos exportadores, o que, por consequência, pressiona os preços pagos ao produtor. Segundo o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, "a guerra no Oriente Médio tem encarecido fretes marítimos aos importadores de nossos cafés, assim como a falta de infraestrutura nos portos brasileiros vem gerando prejuízos

milionários aos exportadores e atrasando embarques". Esse encarecimento tem um efeito direto sobre o produtor: como a maior parte das exportações brasileiras é feita no formato FOB (free on board - livre a bordo do navio), grande parte das despesas portuárias acaba descontada do preço pago a ele, pressionando ainda mais as cotações no mercado interno.

Indo na mesma linha, ainda com relação à formação dos preços no mercado brasileiro interno, no último dia do mês de junho, quando as cotações na Bolsa de NY superaram novamente a linha de 300,00 cents/lb, os diferenciais de base se alargaram com intensidade, sinal de que a alta em Nova York não se refletiu integralmente no preço pago internamente. Para se ter melhor noção do enfraquecimento no diferencial de base (FOB Santos x Ice Futures US), um Good Cup, tipo 3/4, pen. 14/16 que há um mês estava em -5,00 cents/lb, há uma semana em -23,00 cents/lb, no último dia do mês foi para -35,00 cents/lb. Já os diferenciais de um BC (bica corrida), que há um mês estava girando em torno de -30,00 cents/lb, há uma semana estava em -58,00 cents/lb, no último dia do mês foi para -65,00 cents/lb.

Como mencionado anteriormente, o câmbio foi outro fator que ajudou a movimentar as cotações internacionais e os preços do café no 2º trimestre do ano. Ao longo dos três últimos meses, o dólar, cuja Ptax chegou a tocar a mínima de R$ 4,8973 na segunda quinzena de maio, encerrou o período cotado a R$ 5,1766, após atingir uma máxima de R$ 5,20 frente ao Real. Esse movimento de alta foi acompanhado pelo US Dollar Index (Índice do Dólar Norte-Americano), que encerrou junho acima dos 101,00 pontos. A combinação dos dois indicadores em alta pressionou as cotações do café nas principais Bolsas do mundo: apesar de favorecer a composição dos preços no mercado interno, a valorização do Dólar tende a estimular as exportações das origens produtoras e elevar o interesse de venda nas principais Bolsas internacionais, gerando um viés baixista nesses mercados. Mesmo com o avanço dos preços internacionais do café, a alta do dólar em junho não deixou de um ser um fator de pressão para os preços da commodity nas Bolsas, sendo esta valorização cambial resultado de uma combinação de fatores econômicos globais e domésticos. No cenário externo, os dados fortes da economia dos Estados Unidos consolidaram a expectativa de juros altos por mais tempo pelo Federal Reserve, o que atraiu investimentos para os títulos do Tesouro americano e fortaleceu a moeda mundialmente, movimento intensificado pelas tensões geopolíticas no Oriente Médio, que elevaram o petróleo e a busca pelo dólar como ativo de segurança. Já no ambiente interno, o Brasil enfrentou uma saída líquida bilionária de capital estrangeiro rumo ao exterior e sofreu com o aumento das incertezas fiscais e inflacionárias locais, o que manteve os ativos brasileiros sob forte pressão e reduziu o espaço para cortes na taxa Selic pelo Banco Central.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Estoques curtos e o atraso da safra brasileira seguem sustentando a firmeza das cotações, especialmente nos contratos futuros de Nova York e Londres. Mas há um detalhe que não pode passar despercebido: o volume expressivo negociado pelos fundos de investimento nos últimos dias de junho e no início de julho. Tudo indica que a disparada no fechamento do mês de junho e início de julho tenha sido puxada, em parte, pelo reposicionamento das carteiras desses fundos, não apenas pelos fundamentos. E onde há reposicionamento técnico, há risco de correção. Um ajuste com realização de lucros pode pressionar as cotações brevemente. Diante desse cenário, a mensagem para o produtor é clara: atenção redobrada para não perder as janelas de oportunidade, como a que se abriu recentemente com a alta simultânea do Dólar e do Café. O

foco continua sendo um só: segurança, ou seja, anular a probabilidade de prejuízo. E o caminho para essa estratégia é simples: travar minimamente seu custo de produção nessas janelas, deixando o restante da carteira livre para compor margem. O resultado é uma equação sem perda: se o mercado recuar, o prejuízo já foi neutralizado; se evoluir, o lucro só aumenta.

Varginha, 03 de julho de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé